

REDES ANTISSOCIAIS: a hashtag #escolasempartido no Twitter¹

ANTI-SOCIAL NETWORKS: #escolasempartido hashtag on Twitter

Richard Romancini²
Fernanda Castilho³

Resumo: Criado em 2004 para denunciar a “doutrinação nas escolas”, o chamado movimento Escola Sem Partido (ESP) obteve maior repercussão nos últimos anos e hoje tem forte presença nas redes sociais. O objetivo desse trabalho é analisar como apoiadores e indivíduos contrários à causa debatem o tema no Twitter. O discurso oficial do ESP e as discussões teóricas a respeito do papel das redes sociais como arena para o debate público dão suporte ao estudo. A partir das análises de conteúdo e de rede dos tweets, as conclusões mais relevantes são: tanto entre os favoráveis, como entre os contrários ao ESP, a divulgação de conteúdos é muito maior do que os debates; observa-se o predomínio dos apoiadores, numa discussão que possui características de “antiesfera pública”, uma vez que a comunicação entre os dois grupos é débil; portanto, essa instância pouco colabora para a noção da cidadania digital.

Palavras-Chave: Escola Sem Partido. Ativismo. Twitter

Abstract:

Created in 2004 to denounce "indoctrination in schools," the so-called Unpolitical School (US) movement has gained greater repercussion in recent years and today has a strong presence on social networks. The objective of this work is to analyze how supporters and individuals opposing the cause debate the subject on Twitter. US's official discourse and theoretical discussions about the role of social networks as an arena for public debate support the study. From the content and network analyzes of the tweets, the most relevant conclusions are: both among those who are favorable and among those opposed to US, the dissemination of content is much greater than the debates; we observe the predominance of the supporters, in a discussion that has characteristics of “anti-public spheres”, since communication between the two groups is weak; therefore, that instance do little to contribute to the notion of digital citizenship.

Keywords: Unpolitical School. Activism. Twitter

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cidadania do XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 05 a 08 de junho de 2018.

² Professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Doutor e mestre pela mesma instituição. richard.romancini@gmail.com

³ Professora do Centro Estadual Paula Souza, Fatec Barueri. Doutora e mestre pela Universidade de Coimbra. fernandacasty@gmail.com

1. Introdução

Durante os protestos contra a presidente Dilma Rousseff, iniciados em 2015, uma foto de um manifestante (curiosamente, professor) com o cartaz “Chega de doutrinação marxista. Basta de Paulo Freire” chamou a atenção, circulando amplamente nas redes (STREIT, 2015). Foi provavelmente neste contexto que a maior parte das pessoas tomou conhecimento do chamado movimento Escola Sem Partido (ESP).

A aceleração do crescimento do ESP é evidente, apoiada pela ascensão conservadora que caracterizou o país⁴. Nota-se que, desde a sua obscura criação em 2004 até 2014, as menções à iniciativa na imprensa são quase inexistentes (BRAIT, 2016). No início, houve a criação de um site na internet⁵, ainda hoje no ar, para informar sobre a causa e coletar denúncias de “doutrinação nas escolas”, oferecendo um modelo de notificação *extrajudicial*, para que os pais de estudantes advertissem docentes.

Nagib teria criado o ESP após indignar-se com os relatos de sua filha, a respeito de um professor ter comparado Che Guevara a São Francisco de Assis, e perceber que suas queixas não tiveram repercussão (BEDINELLI, 2016). Iniciativas similares, nos Estados Unidos, o inspiraram, como o website *No Indoctrination* (hoje desativado), no qual estudantes faziam relatos sobre professores “tendenciosos”. Porém, essa e outras iniciativas dos EUA⁶ não deram o passo que parece ter sido fundamental para que o ESP alcançasse maior visibilidade no Brasil: a proposição de *iniciativas legais* para impedir a “doutrinação”. Os projetos legislativos, por terem evidentes implicações no cotidiano das escolas, receberam atenção da imprensa, gerando reações e, assim, mais repercussão midiática.

Seria impossível ao ESP alcançar a atual visibilidade sem o uso de estratégias de comunicação, impactando a sociedade. Aliás, em termos da ocupação da esfera pública, nota-se a convergência de interesses entre o ESP e os políticos, pois as iniciativas legais são um “modo de vereadores e deputados com pouca visibilidade chamarem a atenção para si, mobilizando capital moral e religioso em suas cidades e regiões” (CARVALHO, 2017).

⁴ É importante lembrar que o novo ministro da Educação, do governo formado pós-Rousseff, recebeu, duas semanas após ser nomeado para o cargo, em maio de 2016, o ator Alexandre Frota e outros apoiadores do impeachment. Neste encontro, foram defendidas propostas de leis para evitar a “doutrinação” nas escolas e o ministro teria elogiado Miguel Nagib, criador do ESP (KAPA, 2016). A relação do ministro com o movimento enfraqueceu com o tempo – ele passou, por exemplo, a dar declarações contra os projetos legislativos relacionados ao ESP (CRUZ; CRUZ, 2017). Porém, a atenção recebida demonstra que o movimento tinha ganhado força e expressão política.

⁵ Disponível em: <<http://www.escolasempartido.org/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

⁶ Como o recente projeto *Professor Watchlist*, com o mesmo ímpeto denunciatório (PELLS, 2016).

Com o tempo, o ESP amplia sua presença na internet, possuindo hoje perfis “oficiais” nas redes sociais Facebook (com quase 160 mil seguidores) e Twitter (cerca de 11 mil seguidores)⁷. Engesser et al.(2017) notam que os grupos de direita passaram (como os movimentos progressistas) a divulgar suas demandas nas mídias digitais, numa *nova forma de comunicação* – nos termos de Chroust, “um hipertexto político que vai além da tradicional comunicação política”⁸ (2000, p. 112, tradução nossa), permitindo uma comunicação sem intermediários, de maneira generalizada.

No entanto, se tais características, aparentemente ainda válidas, foram percebidas pelos estudos pioneiros de mobilização conservadora no digital (CHROUST, 2000; ATTON, 2006), as rápidas mudanças na internet podem afetar outros aspectos. Esse parece ser o caso do teor verticalizado e o “fechamento” da comunicação desenvolvida pelos movimentos conservadores, destacados por Atton (2006). É por isso que Padovani sugere indagar “em que medida nosso entendimento sobre as operações da ultradireita ainda é aplicável no tempo das plataformas interativas on-line e da mídia social”⁹ (2016, p. 403, tradução nossa).

É no âmbito do relacionamento dos movimentos sociais¹⁰ (ainda que conservadores), e seus críticos, com a mídia digital que este trabalho se enquadra. Procuramos, assim, entender se, em tempos de “mídia participativa”, mobilização e participação política conservadora tendem a se modificar, e (se sim) como (com que tendências)? Esse é nosso problema de pesquisa central, que procuraremos elucidar por meio de um estudo de caso do ESP, com análise dos *tweets* que utilizaram a *hashtag* #escolasempartido.

2. Escola Sem Partido: implicações políticas

O *ativismo legal* do ESP tem início em 2014, com a elaboração de anteprojetos de leis (por Nagib) a pedido do deputado estadual Flávio Bolsonaro (PSC-RJ) (ZINET, 2016). Outros políticos conservadores buscam suporte do ESP para iniciativas contra a “doutrinação nas escolas”. Assim, o ESP volta-se a esse tipo de ação e hoje seu site indica outro endereço

⁷ Disponíveis, respectivamente, em <<https://pt-br.facebook.com/pg/escolasempartidooficial>> e <<https://twitter.com/escolasempartid>>. Acesso em: 20 dez. 2017. Acesso em: 20 dez. 2017.

⁸ No original: “a political hyper-text which goes beyond traditional political communication”.

⁹ No original: “to what extent is our understanding about ultra-right media operations still applicable at the time of interactive online platforms and social media”.

¹⁰ Podemos entender o ESP como um movimento social, pois ele possui aspectos que a literatura indica como característicos desse tipo empírico, ou seja, é uma rede de indivíduos, que se aglutina a partir de um propósito específico, compartilhando uma identidade entre os participantes, que busca alcançar seus objetivos, confrontando e interagindo com determinadas pessoas (CABLE, 2017, p. 186).

eletrônico¹¹, com a sugestão de textos legislativos (e decreto executivo municipal), relacionados à proposta. De acordo com levantamento do coletivo Professores Contra o Escola Sem Partido¹², os projetos de lei com inspiração no ESP somaram, até o momento, 124 iniciativas, sendo 90 em nível municipal (com 9 aprovações), 22 estaduais e 12 federais.

Outra dimensão do ativismo legal foi o processo movido pelo ESP (no caso, a Associação constituída por ele) para que as redações que violassem os “direitos humanos” deixassem de receber nota zero no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). O ESP foi vitorioso, argumentando que esse critério seria subjetivo e prejudicaria a liberdade de expressão (RAMALHO, 2017). Novamente, o ESP conquistou mais visibilidade, ao atuar sobre uma instância social importante.

Os projetos legislativos do ESP voltados às escolas definem os estudantes como uma “audiência cativa” que deve ser protegida dos “professores doutrinadores”. Assim, para prevenir a “doutrinação”, os PLs instituem, por exemplo, a obrigatoriedade de um cartaz com os “Deveres do Professor”¹³, afixado nas salas de aula da educação básica. São “obrigações” como: não promover os seus “próprios interesses, opiniões, concepções ou preferências ideológicas” e apresentar “aos alunos, de forma justa [...] as principais versões, teorias, opiniões e perspectivas concorrentes a respeito da matéria”.

Diversos estudos, principalmente na área da educação (e.g., AÇÃO EDUCATIVA, 2016; FRIGOTTO, 2017), têm criticado essa e outras dimensões do ESP, entre as quais o cerceamento à liberdade e à autonomia do ensino (valores destacados na Constituição). Observa-se que o ESP procura impor parâmetros e dispositivos de controle externos aos contextos educativos (ALMEIDA NETO; SILVA, 2017). Ao mesmo tempo, a preocupação “pluralista” do movimento, contraditoriamente associada à ideia de que os conteúdos e perspectivas devem ser apresentados de maneira “neutra”, é inconsistente. Isso poderia resultar em contrassensos sociopedagógicos, como a ausência de explicações a respeito dos motivos da realização de uma greve de professores.

Nesse caso, os docentes poderiam ser acusados de “promover seus interesses”, e é interessante notar a coincidência do aumento do ativismo legal e político do ESP após o ciclo de mobilizações estudantis em escolas públicas (em 2015 e 2016). Nesses casos, houve forte

¹¹ Disponível em: <<https://www.programaescolasepartido.org/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

¹² Disponível em: <<https://goo.gl/PsAKhP>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

¹³ Disponível em <<https://goo.gl/xKtFwz>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

ativismo e mobilização política juvenil por melhores condições para a educação (ROMANCINI; CASTILHO, 2017). Com a aprovação de projetos inspirados no ESP, a discussão e a reivindicação cívicas seriam dificultadas ou inviabilizadas, favorecendo um ideal de educação tecnicista e conservadora (PENNA, 2017).

À dimensão *política* conservadora do movimento foi acrescida, com o tempo, a dimensão *moral*. Desse modo, autores como Miguel (2016) notam que o crescimento do ESP se deu quando passou a enfatizar não apenas a “doutrinação ideológica”, mas também o combate à “ideologia de gênero”. Ao discutir esse aspecto, Franco (2017) observa que o ESP promove uma caricatura do campo teórico voltado ao assunto, chamado pejorativamente de “ideologia de gênero”, ao qual são associadas imagens negativas e comportamentos imorais. Esse entendimento teve influência nos debates sobre os planos estaduais e municipais de educação e sobre a Base Curricular Nacional (MACEDO, 2017).

Há nessa associação entre moral e política, por parte do movimento ESP, a defesa da prevalência dos valores “familiares” sobre os ensinados nas escolas. Desse modo, busca-se ressignificar um *slogan* feminista (*Meu corpo, minhas regras*) numa expressão conservadora: *Meus filhos, minhas regras*. O ESP defende, assim, a distinção entre a *instrução* – que deveria ser “neutra”, “não ideológica”, a cargo da escola – e a *educação* – essa sim imbuída dos valores, porém, realizada no âmbito da família e de acordo com as crenças da mesma.

3. Questões de pesquisa e justificativas do estudo

Pela caracterização do ESP feita até aqui, podemos dizer que esse movimento representa uma ameaça à cidadania, cerceando a possibilidade de uma educação de qualidade, assente no desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes.

Nesse sentido, é interessante observar as possibilidades de discussão apresentadas pelos indivíduos contrários ao movimento, em resposta aos apoiadores do ESP. Essas pessoas são capazes de produzir alguma forma de comunicação alternativa, conversando com os favoráveis ao ESP no Twitter e gerando debates modificadores? Em outros termos, a discussão na rede social representará uma esfera pública de debate ou o que Cammaerts (2007) denomina “antiesfera pública”?

Como nota Penna (2017), pouco importa que as proposições do ESP sejam desacreditadas ou vistas como absurdas, no ambiente acadêmico, já que o debate nas redes digitais não se pauta sempre por argumentos rigorosos, mas por outras características. Quais

são elas? Os apoiadores mimetizam o discurso emitido pelas lideranças ou radicalizam-no, tornando mais explícitas posições extremistas ligadas à causa, como Padovani (2016) acredita ocorrer nos movimentos de ultradireita?

Seja qual for a resposta para essas questões que se associam ao problema de pesquisa, o esclarecimento oferecido pela investigação pode, por um lado, ao indicar a existência do *ativismo conservador* nas redes sociais, contribuir para afastar a ilusão de que todas as formas de expressão cultural de base são um tipo de “resistência” (DOWNEY; FENTON, 2003). Mas também poderá mostrar aspectos de efetiva “resistência”, a partir da atuação de indivíduos progressistas que se insiram no contexto desse debate conservador. De qualquer modo, como nota Franco: “Para podermos embasar a crítica ao Movimento Escola Sem Partido é preciso conhecê-lo, por mais indigesto que isso possa ser” (2017, p. 246). Esses aspectos, que nos permitem refletir sobre as possibilidades da cidadania digital no contexto estudado, justificam o trabalho.

4. Procedimentos metodológicos

O estudo do caso realizado neste artigo tem como base informações de fontes bibliográficas e midiáticas sobre o Escola Sem Partido, bem como dados de *tweets* que abordam a causa. Estes *tweets* foram coletados com uso da *hashtag* #*escolasempartido*, num período de sete meses (de 28 de maio a 28 de dezembro de 2017). A provável existência do ativismo de pessoas comuns, contra e pró ESP – além dos líderes do movimento ou outras instituições – justificou essa escolha.

É válido reconhecer a limitação da amostra do Twitter, uma vez que, embora o uso de *hashtags* estruture as discussões nessa plataforma, nem todas as mensagens e conversações sobre o assunto são captadas (nem todas as pessoas utilizam tal marcação). Porém, o uso de *hashtag* temática indica certo compromisso em participar de uma discussão geral, pois seguir e postar nesses moldes facilita a comunicação em comunidade (BRUNS; BURGESS, 2015). E, para dar maior representatividade à amostra, foram feitos testes com outras expressões, sendo escolhida a mais utilizada.

Após a coleta dos dados (8.365 *tweets*), com a ferramenta digital TAGS, os mesmos foram transferidos para outro programa (Tableau), para efetuar algumas análises descritivas. Esta aproximação permite entender a dinâmica temporal do uso da *hashtag*; a quantidade de conteúdos originais (*tweets*); os conteúdos com menção a outros usuários; e as apropriações

via *retweets*, contextualizando a posterior análise de redes, que favorece a compreensão da dinâmica das trocas comunicacionais. Nesse caso, os softwares utilizados foram Tableau e Gephi. Para seleção das métricas de análise, tomamos como base o artigo de Larsson e Moe (2012), no qual os autores analisaram os usos do Twitter nas eleições suecas em 2010. Por fim, são identificados e estudados alguns dos *tweets* mais populares. Estes foram submetidos a uma análise de conteúdo (BAUER, 2002), de modo a esclarecer as questões investigadas.

5. Dimensões analíticas e teóricas

5.1 O discurso oficial do ESP e a expressão conservadora na internet

Embora os estudos sobre o ESP tenham principalmente a preocupação de expor de maneira crítica as características do movimento, há também algumas discussões sobre a comunicação do movimento, como nos trabalhos de Penna (2015, 2017) e de Franco (2017).

O primeiro autor argumenta que o ESP utiliza “estratégias discursivas fascistas”, o que se relaciona à demonização do outro – principalmente os professores, acusados de doutrinadores. Os textos do site do ESP fazem referência a esses indivíduos com linguagem depreciativa e desumanizadora: os professores que promovem a “contaminação” da escola são um “exército de militantes”, por isso a educação deve ser “desinfetada” (PENNA, 2017).

Essas características são mais exacerbadas em conteúdos gráficos (*charges* e *memes*) propagados na internet pelos apoiadores (o que poderemos perceber se é verdade), segundo o autor. O “outro” atingido pode ser o Partido dos Trabalhadores, o “comunismo” ou pensadores associados à suposta doutrinação, sempre numa perspectiva de vilanização desses adversários da escola “livre de doutrinação”. Um exemplo é o *meme* que mostra Gramsci como um vampiro, num caixão, recebendo uma estaca que representa o movimento, compartilhado na conta do Facebook do criador do ESP¹⁴.

Assim, elabora-se um discurso simplista e de antagonismo, no qual “desqualificação não se dá através de uma argumentação racional, mas através de ataques pessoais e imagens que representam o professor, a escola e seus pensadores como ameaças a crianças inocentes” (PENNA, 2015). Gramsci e o “marxismo cultural” são vistos pelos apoiadores do ESP como símbolos do projeto de “doutrinação” da esquerda, assim como Paulo Freire, em termos mais propriamente pedagógicos.

¹⁴ Disponível em: <<https://goo.gl/KpGNqd>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

Ao estudar o site do ESP, particularmente a seção dedicada à crítica à “ideologia de gênero”, Franco (2017) destaca que o movimento não elabora um discurso próprio e original, mas caracteriza-se pela apropriação de textos alheios, manipulando os conteúdos. Estratégia associada é a republicação de notícias com polêmicas de casos extraordinários ocorridos no ambiente escolar – como uma matéria sobre um diretor que exibiu imagens de sexo entre homens para alunos que haviam brigado e se “xingado” de homossexuais.

Desse modo, tenta-se criar a “falsa impressão de que a ampliação das discussões de gênero engendrou um relaxamento moral tão grande que teria levado a uma ocorrência muito mais frequente de casos como os enfocados” (FRANCO, 2017, p. 238). Seletividade e tendenciosidade similar encontram-se em casos como supostos problemas em livros didáticos, apontados pelo ESP. A preocupação não é fazer uma análise crítica das questões, mas construir uma perspectiva maniqueísta, de luta do “bem” (representado pelo movimento), contra o “mal” (os defensores da diversidade de gênero, tratados como imorais).

É interessante notar como a demonização da “ideologia de gênero”, no contexto brasileiro, é semelhante ao caso da Colômbia. Neste país, o termo foi utilizado, por grupos conservadores, para “deter as tentativas institucionais de combater a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero das escolas, e como argumento para frear o processo de paz”¹⁵ (PRADA, 2017, p. 229). O mesmo acontece em outros países latino-americanos (GALLO, 2017). E isso sugere que pode existir uma circulação de tópicos e questões de debate entre os grupos de direita, favorecida pela internet, colaborando com a articulação dos grupos em nível global. Questões que extrapolam os limites deste estudo.

Em resumo, aspectos como o maniqueísmo, a simplificação, o teor mais reativo do que argumentativo e a tendenciosidade caracterizam a linguagem utilizada pelos canais oficiais do ESP, segundo os analistas.

5.2 Esfera pública na internet e cidadania digital

A produção discursiva dos movimentos sociais ocupa lugar nas esferas de discussão da sociedade. Para Cammaerts (2007), o panorama contemporâneo de multiplicação das vozes, com diferentes conteúdos e vários canais de expressão, torna o modelo habermasiano unificado de esfera pública (espaço de discussão racional e consensual da sociedade) pouco

¹⁵ No original: “frenar los intentos institucionales de combatir la discriminación por orientación sexual e identidad de género em las escuelas, y como argumento para frenar el proceso de paz”.

viável. Haveria, contudo, uma diferenciação e uma fragmentação discursivas não necessariamente negativas para a cidadania e a democracia. Isso porque, a partir de uma perspectiva pluralista agonística, o autor defende um modelo normativo democrático, no qual diferentes esferas públicas coexistem (inclusive contra-hegemônicas), algumas interagindo entre si. Algumas dessas esferas procuram penetrar na esfera pública dominante, controlada em grande parte pelo estado e pelo mercado, e outras não, permanecendo independentes.

É nas esferas contra-hegemônicas que os atores e movimentos sociais podem conectar-se e organizar-se para promover a mudança. Assim, podem desenvolver um “entendimento do engajamento cívico como contestação e propostas de alternativas, como práticas mais além do protesto”¹⁶ (ULDAM; VESTERGAARD, 2015, p. 7, tradução nossa). Fenton e Downey (2003) associam a esfera pública dominante à mídia deste tipo e as contraesferas à “mídia cívica”. Desse modo, é possível entender a mídia social como um ambiente para as mesmas. Porém, esse ambiente possui problemas como o caráter comercial das plataformas e a vigilância.

Ao mesmo tempo, grande parte da informação que recebemos por meio das plataformas de mídia social apresentam um aspecto de determinada questão, fragmentos de informação ou factoides, conectando usuários de mesma opinião (dentro de esferas públicas específicas), em vez de desafiar nossas pressuposições ou oferecer novas perspectivas¹⁷ (ULDAM; VESTERGAARD, 2015, p. 7, tradução nossa).

Por aspectos como esses, Cammaerts (2007) desenvolve a noção de “antiesferas públicas”, isto é, a reunião de indivíduos contrários a valores da cultura cidadã. Nesse caso, diferentemente da forma idealizada, potencial ou real de espaço de diálogo e discussão democráticos com que a noção de esfera pública é pensada para as democracias liberais burguesas, as antiesferas públicas servem como fóruns de propaganda antidemocrática. Em outras palavras, funcionam como espaços que empoderam os participantes dos movimentos conservadores e reacionários, atuando como “câmaras de eco, nas quais as opiniões e ideologias são reforçadas e reproduzidas, e nunca desafiadas, questionadas criticamente ou escrutinadas”¹⁸ (ASKANIUS; MYLONAS, 2015, p. 61, tradução nossa).

¹⁶ No original: “understanding of civic engagement as both contestation and proposals for alternatives, as practices beyond protest”.

¹⁷ No original: “At the same time, a lot of the information that we receive via social media platforms presents one aspect of an issue, bits of information or factoids, connecting likeminded users (within specific alternative public spheres) rather than challenging our presumptions or offering new perspectives”.

¹⁸ No original: “echo chambers in which opinions and ideologies are reinforced and reproduced, and never challenged, critically questioned or held to account”.

O papel do extremismo político na emergência das câmeras de eco no digital é destacado por Bright (2018), que indica o grau de certeza que as pessoas têm de suas próprias crenças como o principal fator para que um grupo não esteja aberto ao contraditório, ao debate. No entanto, um grupo que se comunica on-line, com relativo isolamento em relação aos que pensam diferente (por diferentes razões, entre elas, a segurança) não configura necessariamente uma antiesfera pública, pois a comunicação desse grupo pode ter criticidade e dialogicidade interna, bem como apreço a valores democráticos, num modelo de esfera contra-hegêmica autônoma.

Por outro lado, o que tende a predominar nas antiesferas são, justamente, os tipos de discursos autoritários, com promoção do ódio, da intolerância e da violência e estigmatização de certos grupos sociais, construídos como o “outro”. É claro, assim, que o desenvolvimento da *cidadania digital* é desafiado pelas antiesferas. Isso ocorre tanto se entendermos, amplamente, a cidadania digital como a capacidade para participar da sociedade on-line (MOSSBERGER; TOLBERT; MCNEAL, 2008), quanto se objetivamos utilizar esse conceito como um meio para analisar os usos das infraestruturas digitais, e as relações e práticas sociais que engendram, para contribuir com a cultura cívica de maneira geral (COULDRY et al., 2014).

6. Análises¹⁹

6.1 Análise descritiva

Antes propriamente da análise, é válido notar, demarcando o próprio potencial de influência do Twitter, que o número de contas de usuários brasileiros dessa plataforma é de cerca de 27,7 milhões (ASLAM, 2108). Sem dúvida, um número elevado, mas menor que o número de contas ativas no Facebook, de cerca de 100 milhões (SUMARES, 2016) e que, mesmo neste caso, representa por volta de 63% da população maior de quinze anos (INDEX MUNDI, 2017). Ou seja, nem a rede digital mais popular cobre toda a população, de modo que o potencial dessa forma de comunicação é limitado por esse alcance, menor, por exemplo, do que o da cobertura residencial da TV (97,1%) (FARFAN, 2016).

¹⁹ Por razões éticas, preferimos não informar os nomes reais das contas de usuários que não fossem pessoas ou entidades públicas (neste caso, atores que não têm expectativa de privacidade), na apresentação dos dados analisados na sequência.

Do total de 8.365 mensagens do corpus, nota-se que 5.662 foram *retweets*, 1.692 *tweets* originais e 1.011 *@mentions* (*tweets* com menções a outros usuários) (TAB. 1). Há 4.574 perfis que participaram ativamente dessa espécie de conversão mediada pela *hashtag* #escolasempartido, produzindo algum conteúdo.

TABELA 1
Tipos e posicionamento dos *tweets*

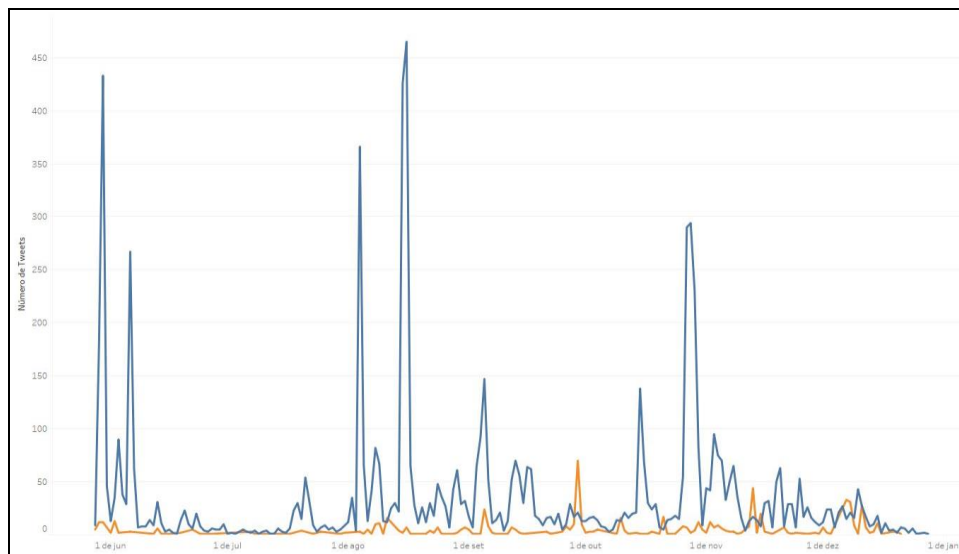
Tipo do Tweet/ Posicionamento do <i>Tweet</i>	@mention		Tweet original		Retweet (RT)		Total tweets	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Pró ESP	925	12,1	1.407	18,5	5.283	69,4	7.615	91,0%
Contra ou neutro ESP	86	11,5	285	38,0	379	50,5	750	9,0
Total	1.011	12,1	1.692	20,2	5.662	67,7	8.365	100,0%

FONTE – Elaboração dos autores.

Ao classificarmos os *tweets*, entre aqueles que manifestam apoio à causa do ESP e os que são neutros ou contra (maior parte nesse subgrupo) temos a situação mostrada na TAB. 1, indicando ampla predominância, como se poderia esperar, dos apoiadores (que produziram 91% das mensagens ao redor da *hashtag* #escolasempartido). O tipo de *tweet* que representa uma interação mais clara (*@mention*) é minoritário, no todo (12,1%), predominando os *retweets* (67,7%) e *tweets* originais (20,2%). Tanto os *tweets* de usuários favoráveis à causa quanto os dos críticos ou neutros possuem essa característica, ou seja, o tipo de *tweet* mais característico de trocas comunicacionais (e não apenas disseminação de conteúdo ou manifestação de opinião) é minoritário em ambos os grupos (12,1% nos pró-ESP e 11,5% nos críticos/neutros). Os usuários contrários e neutros ao ESP, entretanto, produzem percentualmente mais *tweets* originais (38% versus 18,5%).

A análise da distribuição dos *tweets* numa linha do tempo mostra que quase sempre os *tweets* favoráveis ao ESP (em azul) são predominantes frente às mensagens contrárias ou neutras em relação ao movimento (em laranja), conforme mostra o GRAF. 1.

GRÁFICO 1
Distribuição dos *tweets* no tempo



FONTE – Elaboração dos autores.

Podemos perceber cinco grandes “picos” de circulação do conteúdo pró-ESP e iremos explorá-los depois (assim como os “picos” menores dos *tweets* contra o ESP). Antes, porém, a análise de redes, a seguir, reforça determinados aspectos desta descrição, como a importância dos *retweets*, indicando características da circulação de conteúdos entre os usuários.

6.2 Análise de redes

Tal como referido no desenho metodológico, utilizamos a análise de redes sociais como método de análise dos *tweets* indexados pela *hashtag* #escolasempartido, gerando pelos métodos expostos as seguintes visualizações.

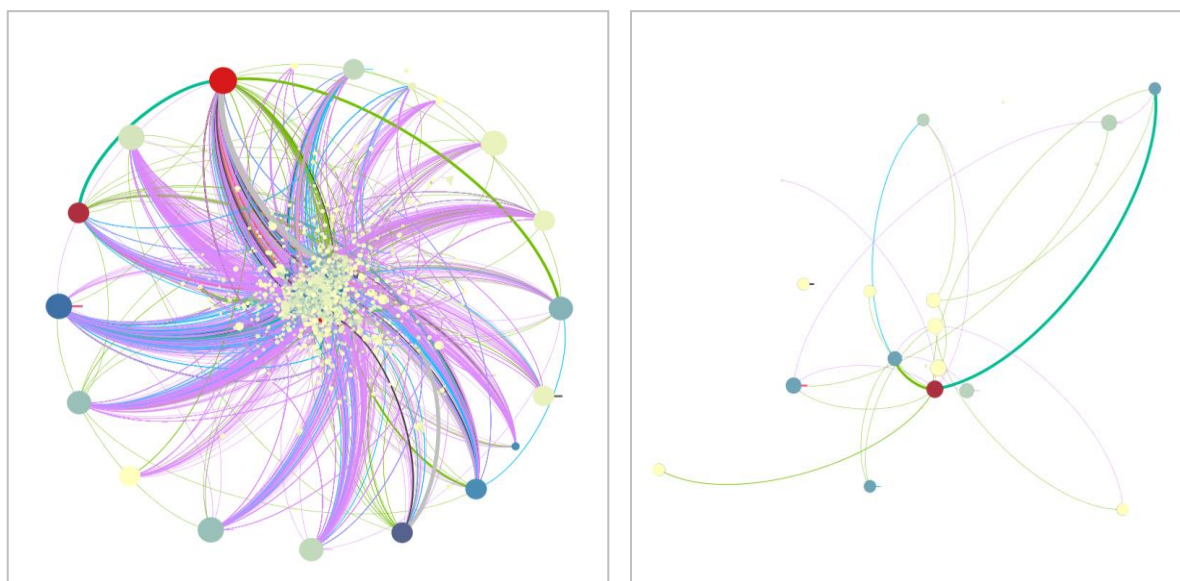


FIGURA 1 – Rede #escolaspartido completa e de seus principais atores (identificados com escala de grau 40 > do Gephi)

Fonte – Elaboração dos autores

É possível observar na primeira imagem (FIG. 1) que a topologia geral da rede (criada com layout Yifan Hu do Gephi) indica que existe um pequeno conjunto de atores mais influentes no Twitter nas conversas sobre o ESP, representados pelos pontos maiores, ao redor dos quais a discussão acontece. Os pontos menores, no centro, representam os demais intervenientes, que mencionaram menos vezes a questão. Por outro lado, percebe-se pelos números de ligações que o assunto teve grande potencial de viralidade, a contar pela quantidade de arestas na cor lilás, grande parte são *retweets*. Amaral (2016, p. 204) indica possíveis motivações para a utilização desta funcionalidade: compartilhamento de informações, demonstração de concordância, credibilização de perfil, reciprocidade, visibilidade, participação em ação social ou coletiva.

Na segunda imagem (FIG. 1), seguindo as métricas indicadas, a cor dos nós (pontos/atores) representa o *grau de saída* de cada utilizador, ou seja, quanto mais escura for sua cor, mais mensagens foram enviadas por este ator, assim como quanto mais clara, mais mensagens ele recebeu. Já o tamanho do nó depende de seu *grau de entrada*, quanto maior o nó, mais mensagens foram direcionadas para ele. Assim é possível classificar os usuários mais ativos na rede conforme as categorias de Larsson e Moe (2012): (1) remetentes (pontos mais escuros, menores), (2) receptores (pontos mais claros, maiores) e (3) remetente-receptores (pontos mais escuros, maiores).

TABELA 2
Classificação dos atores nas redes, por grau de saída e entrada de mensagens

Categoria	Exemplos de usuários identificados
Remetentes	usuária1, antesdepoisfede, <i>usuário2</i>
Receptores	bolsonarosp, usuário3, usuária4, usuário5, usuário6, usuário7, usuária8, depsostenes, odecarvalho, conexaopolítica
Remetentes-receptores	usuário9, usuária10, usuária11, usuário12, usuária13

FONTE – Elaboração dos autores.

Podemos notar, pelos exemplos de usuários relevantes identificados (TAB. 2), que os perfis são principalmente de indivíduos comuns, geralmente conservadores. Em conformidade com o dado apresentado anteriormente sobre a natureza dos *tweets*, apenas uma conta (usuário2, destacado em vermelho) é não favorável ao ESP. Três indivíduos (os deputados federais Eduardo Bolsonaro e Sóstenes Cavalcante, e o “filósofo” Olavo de Carvalho) e um perfil informativo alinhado à causa (conexaopolítica) foram receptores importantes. Em suma, a rede caracterizou-se, de fato, pelo ativismo pró-ESP de indivíduos “comuns” – embora esse aspecto seja problematizado adiante.

Por outro lado, a partir da segunda rede, conseguimos identificar o ator mais central e influente na rede, representado pelo ponto maior, em vermelho. Somando esta informação à análise qualitativa, observamos que se trata de um indivíduo (usuário9) bastante ativista e conservador. Além de ser quem mais enviou e recebeu mensagens com a *hashtag* #escolasempartido, também percebemos nas imagens que é deste ponto que surgem as ligações/laços mais fortes (arestas mais largas), ou seja, a potência viral de suas ligações e conteúdos é muito forte. O que se tornou viral é tematizado a seguir.

6.3 Análise de conteúdo

Como observado, houve cinco “picos” de circulação de conteúdo pró-ESP, que aconteceram nos dias 30 de maio, 6 de junho, 4 de agosto, 16 de agosto (um dia depois de manifestação convocada pelo movimento) e 28 de outubro de 2017. A TAB. 3 mostra as características desses *tweets*, assim como a quantidade alcançada pelo *tweet* mais *retweetado*.

TABELA 3
 Tipos de *tweets* favoráveis ao ESP nos dias com mais atividade

Dia	@mention		Tweet original		Retweet (RT)		Total tweets		Tweet com mais RT	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
30 de maio	24	5,5	26	6,0	383	88,5	433	100,0	314	72,5
6 de junho	6	2,2	19	7,1	242	90,7	267	100,0	203	76,0
4 de agosto	5	1,4	6	1,6	355	97,0	366	100,0	354	96,7
16 de agosto	15	3,2	59	12,7	391	84,1	465	100,0	67	14,4
28 de outubro	14	4,8	43	14,6	237	80,6	294	100,0	127	43,2

FONTE – Elaboração dos autores.

A TAB. 3 não deixa dúvidas sobre a importância dos *retweets* na discussão, indicando ainda quais conseguiram alcançar grande popularidade. Não é possível reproduzir a imagem do primeiro *tweet* (cujo texto é o seguinte: *GLOBO X ESCOLA SEM PARTIDO Vejam a manipulação da Globo atacando a #EscolaSemPartido na minissérie Os Dias Eram Assim*), pois quem o elaborou teve sua conta suspensa. Quanto aos demais (FIG. 2) podemos observar a aparência geral desses conteúdos.



FIGURA 2 – *Tweets* mais *retweetados* pelos usuários favoráveis ao ESP

FONTE – <https://goo.gl/uNggvL>, <https://goo.gl/unJ9w1>, <https://goo.gl/mSNP6C> e <https://goo.gl/jFPQ3A>. Acesso em: 10 jan. 2018.

Observando esses *tweets* e seus perfis, notamos, por um lado, a relevante utilização da mídia, inclusive, a produzida pelos próprios usuários e, por outro, o fato deles serem verdadeiros (não robôs). No entanto, o caso do primeiro *tweet* (excluído das redes) permite problematizar o “amadorismo” das produções e o teor “espontâneo” da mobilização, tendo em vista que o indivíduo que elaborou a mensagem (usuário3) é ou foi, na verdade,

funcionário do deputado Eduardo Bolsonaro²⁰. Essa pessoa possui um canal no YouTube²¹ com diversos vídeos de apoio ao deputado Jair Bolsonaro (PSL-RJ). E, quanto ao seu *tweet*, ao que tudo indica, foi elaborado com o objetivo de ser altamente propagado na discussão, possuindo um vídeo²² de pequena duração, no qual o próprio usuário fala para a câmera, numa crítica à série da TV Globo *Os dias eram assim*, e defende, de maneira emocional (chama a emissora de “Globo imunda”), o ESP²³. Essa avaliação decorre do entendimento de que a série tenta prejudicar a causa.

O segundo *tweet* (o primeiro na FIG. 2, do usuário6), por sua vez, utiliza uma mídia (o *Jornal Livre*) totalmente alinhada ao ESP, tendenciosa e de baixa qualidade. Já os dois conteúdos seguintes, de Eduardo Bolsonaro e do usuário9, utilizam imagens estáticas que procuram, no primeiro caso, “provar a doutrinação” e, no segundo, criticar os “baderneiros” inimigos do ESP.

O tom fortemente emocional retorna no quinto *tweet* (da usuária10), também com um pequeno vídeo, no qual uma professora afirma que os “alunos não devem ser usados como massa de manobra” e que o problema da educação não é a falta de recursos, mas sim a formação de “militantes” nas escolas. Ela faz, dessa forma, uma associação – estratégia comum entre os defensores do ESP – entre a falta de qualidade da educação com a “doutrinação nas escolas”. O problema, entretanto, será resolvido, diz ela, no ano que vem, quando, “se Deus quiser, teremos um presidente de direita”.

Os *tweets* mais significativos dos cinco dias de maior circulação de conteúdos são mostrados na TAB. 4. Evidentemente, deve-se fazer a ressalva que a produção desse tipo foi bem menor, sendo possível também se perceber a importância dos *retweets* e o baixo número de *@mentions*.

²⁰ Ver a seguinte postagem no grupo do Facebook “Pedala Direita”: <<https://goo.gl/17aJ23>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

²¹ Disponível em <<https://goo.gl/wQpBVY>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

²² De acordo com a diretora-geral do Twitter Brasil, *tweets* com vídeo são seis vezes mais *retweetados* do que outros tipos de conteúdo (FERNANDES, 2018).

²³ Embora a conta do usuário tenha sido suspensa, o vídeo está disponível no YouTube: <<https://goo.gl/pqVxk5>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

TABELA 4
 Tipos de *tweets* contrários ao ESP nos dias com mais atividade

Dia	@mention		Tweet original		Retweet (RT)		Total tweets		Tweet com mais RT	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
29 de setembro	0	0,0	8	11,4	62	88,6	70	100,0	56	80,0
13 de novembro	0	0,0	7	15,9	37	84,1	44	100,0	36	81,8
7 de dezembro	0	0,0	5	15,1	28	84,9	33	100,0	13	39,4
8 de dezembro	1	3,2	6	19,4	24	77,4	31	100,0	17	54,8
11 de dezembro	2	7,1	0	0,0	26	92,9	28	100,0	25	89,3

FONTE – Elaboração dos autores.

Como nenhum dos *tweets* mais *retweetados* desse grupo deixou de estar on-line, é possível reproduzi-los (FIG. 3), notando, porém, que, como o do terceiro dia também foi o mais disseminado no quarto, há somente quatro *tweets* na figura.



FIGURA 3 – *Tweets* mais *retweetados* pelos usuários contrários ao ESP

FONTE – <https://goo.gl/RYC67p>, <https://goo.gl/xB9U6E>, <https://goo.gl/gpnmEC> e <https://goo.gl/7G2pzm>. Acesso em: 10 jan. 2018.

Nota-se que o uso de mídia (agregado ao *tweet*) propriamente criada pelos usuários é menor, sendo dada preferência por uma charge feita pelo próprio autor (usuário2); a disseminação de uma matéria crítica ao ESP, por um veículo on-line (*Nexo Jornal*) que procura se distinguir por abordagens mais analíticas; um informe de vereadora contrária ao ESP (em dois *tweets* veiculados por conta institucional informativa) e, por fim, outra mensagem, feita por uma vereadora do Partido dos Trabalhadores sobre o mesmo assunto. O conteúdo crítico e informativo, portanto, é o que predomina nesses *tweets*. Porém, não se observam discussões significativas entre esses usuários contra o ESP, entre si, e também deles com os que são favoráveis à proposta. Existem uns poucos (geralmente professores, talvez por serem o grupo mais afetado pelo ESP) que tentam escapar do que podemos chamar de *limites intrínsecos* da plataforma Twitter, ou seja, o formato da mensagem limitado a 280

caracteres (até o meio de 2017 eram 140). Assim, eles procuram, por exemplo, elaborar texto mais desenvolvido em outra plataforma e disponibilizá-lo em conversações para debate²⁴. Outro professor publica um conjunto de *tweets* com links de conteúdos para discutir o assunto, com outra usuária (favorável ao ESP)²⁵. Porém, em ambos os casos, a discussão não tem sequência. Pode-se dizer, entretanto, que esses debates frustrados, pelo menos, não tem o destino geral das conversações entre usuários pró e contra o ESP no Twitter, ou seja, ironias sobre o significado da proposta²⁶, grosserias²⁷, acusações²⁸ ou xingamentos mútuos²⁹.

7 Discussão e considerações finais

Agora, é o momento de, ao retomarmos o problema e as questões de pesquisa, realizarmos uma análise mais geral dos dados. Queríamos entender se a comunicação dos movimentos conservadores apresenta transformações no ambiente da mídia social. Pode-se dizer que, no caso em estudo, pelo menos em parte, isso ocorre, pelas seguintes razões: a comunicação é mais horizontalizada, com baixa presença de vozes “oficiais” do movimento (menor do que em estudos internacionais anteriores); por outro lado, já abordando uma das questões de pesquisa, a comunicação oficial/oficiosa do movimento na internet aproxima-se bastante, nas temáticas e na linguagem, do tipo de material dos participantes da discussão no Twitter. Ou seja, estes não chegam, na maioria dos casos, a “radicalizar” posicionamentos do movimento. Existe, sim, um tom de deboche crítico na enunciação conservadora do ESP que perpassa a comunicação da liderança e dos apoiadores. É também possível caracterizar o discurso dos *tweets*, de maneira mais ampla, como uma expressão de caráter emocional que busca o convencimento não por argumentações bem embasadas, mas por uma retórica de “denúncia” e “indignação”.

Alguns autores defendem que o Twitter oferece mais oportunidades para os participantes de movimentos extremistas (VAN KESSEL; CASTELEIN, 2016), pois é possível prescindir de grau elevado de argumentação (por seu espaço textual reduzido). De fato, é difícil que somente os textos dos *tweets* permitam desenvolver as nuances e a

²⁴ É o caso de um usuário que procurou várias vezes interagir com pessoas pró-ESP, mostrando um texto seu (*tweet* disponível em: <<https://goo.gl/ctGVBR>>, acesso em: 10 jan. 2018). Porém, não conseguiu gerar debates.

²⁵ Ver <<https://goo.gl/FcD6ya>> Acesso em: 10 jan. 2018

²⁶ Ver <<https://goo.gl/bPF2ia>> e <<https://goo.gl/GYGT4e>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

²⁷ Ver <<https://goo.gl/xhjDbm>> e <<https://goo.gl/Rx8n7D>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

²⁸ Ver <<https://goo.gl/VdRd3E>> e <<https://goo.gl/aZVxDh>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

²⁹ Ver <<https://goo.gl/aJ5MXG>> e <<https://goo.gl/UZPjMM>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

opacidade que caracterizam mensagens mais densas. Porém, é interessante notar – e de certa forma também uma relativa novidade na comunicação política da direita no país – o uso de técnicas da chamada mídia participativa (narrativas à maneira dos *youtubers*, *memes*; vídeos breves com a capacidade de serem fortemente disseminados).

Na contranarrativa dos que são contra o ESP, cerne de outra das questões de pesquisa, isso também ocorre, isto é, as mensagens têm, sobretudo, um impulso de transmitir o conteúdo de forma mais direta. E as tentativas desse grupo estabelecer diálogo com os apoiadores do ESP foram infrutíferas, de modo que sua comunicação alternativa caracterizou-se por uma crítica que não obteve maior atenção por parte de seus antagonistas. Talvez até, em ambos os perfis de participantes, possamos falar em uma forma *pouco comunicativa* de uso da mídia, ou seja, uma utilização que não é feita para debates, mas sim para, de maneira geral, reforçar crenças. É nesse sentido que a rede de discussão estudada pode ser vista como profundamente “antissocial”: o diálogo mais profundo é escasso, tanto entre os grupos opostos, quanto internamente a cada um deles (nesse caso, prevalecem mensagens quase fáticas de apoio mútuo).

Pelo que se disse, as possibilidades de “resistência” dos opositores do ESP, embora importantes, se mostraram limitadas, de modo que a discussão pouco representou para o incremento da cultura cívica. Isso ocorre, pois tal noção relaciona-se, ao menos como possibilidade, com a cidadania digital. Assim, a noção de “antiesfera pública” (CAMMAERTS, 2007) é realmente válida para o objeto investigado.

As condições já mencionadas (limitação de espaço das mensagens, associada ao caráter mais midiaticizado do que dialógico) podem dificultar o componente crucial do debate público – o desenvolvimento/embasamento da opinião. Isso se dá, principalmente, quando determinada discussão envolve assuntos mais complexos (BERGIE; HODSON, 2015), e certamente a temática da educação é um deles.

Também se argumenta que o Twitter tem se tornado, nos últimos tempos, menos “social”, ou seja, a comunicação efetuada se dá mais a partir do compartilhamento de mídia e notícias do que pelas conversas entre os indivíduos, o que explica o aumento de mensagens com URLs e *hashtags* (BURGESS, 2015). A função do Twitter como arena para discussão parece, assim, ter diminuído, como também apontam os estudos resenhados por Larson e Moe (2011), bem como a pesquisa destes autores sobre o uso do Twitter nas eleições da Suécia. Caso em que apenas sete por cento das mensagens foram *replies* (ou *mentions*,

respostas), indicando que o Twitter é usado principalmente para enviar mensagens não direcionadas, sendo o potencial de conversação utilizado numa taxa muito menor.

Encontramos em nosso trabalho características similares a essas, de modo que poderíamos dizer algo parecido com o que afirmam os pesquisadores que analisam a discussão do orçamento de uma província do Canadá no Twitter: “Faltou à discussão uma troca de ideias, perspectivas e opiniões diversas – a base para uma comunidade se unir em torno de ideias de interesse”³⁰ (BERGIE; HODSON, 2015, p. 263).

Os estudos mencionados – aos quais se pode somar o nosso – contrariam ou, pelo menos, mostram algumas limitações e impasses da ideia de que a natureza da comunicação on-line favoreceria a formação de redes horizontais de cidadãos envolvidos em discussões democráticas, promessas abonadas por autores como Castells (2008).

Isso nos faz finalizar o trabalho não com certezas, mas com perguntas que podem motivar outros estudos: a comunicação no espaço digital, sobretudo no âmbito da interação com grupos conservadores, pode desenvolver-se de maneira produtiva para a cidadania? Se sim, que estratégias poderiam favorecer essa possibilidade?

Referências

- AÇÃO Educativa (Ed.). **A ideologia do movimento Escola Sem Partido** – 20 autores desmontam o discurso. São Paulo: Ação Educativa, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/x2SJyt>>. Acesso em: 07 nov. 2017.
- ALMEIDA NETO, Antonio Simplicio de; SILVA, Diana Mendes Machado da. Escola Sem Partido ou sem autonomia? O cerco ao sentido público da educação. In: MACHADO, André Roberto de A.; TOLEDO, Maria Rita de Almeida (Orgs.). **Golpes na História e na Escola: o Brasil e a América Latina nos séculos XX e XXI**. São Paulo: Cortez/ANPUH-SP, 2017. p. 261-276.
- AMARAL, Inês. **Redes Sociais na Internet: sociabilidades emergentes**. Covilhã: LabCom, 2016.
- ASKANIUS, Tina; MYLONAS, Yiannis. Extreme-right Responses to the European Economic Crisis in Denmark and Sweden: The Discursive Construction of Scapegoats and Lodestars. **Javnost-The Public**, v. 22, n. 1, p. 55–72, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/13183222.2015.101749>
- ASLAM, Salman. Twitter by the Numbers: Stats, Demographics & Fun Facts. **Omnicores**, 1º jan. 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/24JqwZ>>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- ATTON, Chris. Far-right media on the internet: culture, discourse and power. **New Media & Society**, v. 8, n. 4, p. 573-587, 2006.

³⁰ No original: “The discussion lacked an exchange of diverse ideas, perspectives, and opinion – the basis for a community to coalesce around compelling ideas and, in turn, articulate shared aspirations to those controlling the levers of power”.

- BAUER, Martin W. A análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**, Petrópolis: Vozes, 2002. p. 189-217.
- BEDINELLI, Talita. “O professor da minha filha comparou Che Guevara a São Francisco de Assis”. **El País**, 25 jun. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/xYGs4Y>>. Acesso em: 07 nov. 2017.
- BERGIE, Brett; HODSON, Jaigris. The Twitter Citizen: Problematizing Traditional Media Dominance in an Online Political Discussion. In: RAMBUKKANA, Nathan (Ed.). **Hashtag Publics: The Power and Politics of Discursive Networks**. Peter Lang, New York, 2015. p. 255-265.
- BRAIT, Daniele. Os protagonistas do ESP. In: AÇÃO Educativa (Ed.). **A ideologia do movimento Escola Sem Partido – 20 autores desmontam o discurso**. São Paulo: Ação Educativa, 2016. p. 161-165. Disponível em: <<https://goo.gl/x2SJyt>>. Acesso em: 07 nov. 2017.
- BRIGHT, Jonathan. Explaining the emergence of echo chambers on social media: the role of ideology and extremism. **Journal of Computer-Mediated Communication**. No prelo, 2018.
- BRUNS, Axel; BURGESS, Jean. Twitter hashtags from *ad hoc* to calculated publics. In: RAMBUKKANA, Nathan (Ed.). **Hashtag Publics: The Power and Politics of Discursive Networks**. Peter Lang, New York, 2015, p. 13-28.
- BURGESS, Jean. Twitter (probably) isn't dying, but is it becoming less sociable? **Medium**, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/YFCR3d>>. Acesso em: 07 nov. 2017.
- CABLE, Jonathan. Communication Sciences and the Study of Social Movements. In: ROGGERBAND, Conny; KLANDREMANS, Bert (Eds.). **Handbook of Social Movements Across Disciplines**. 2. ed. Cham: Springer, 2017. p. 189-201.
- CAMMAERTS, Bart. Jamming the Political: Beyond Counter-hegemonic Practices, **Continuum**, v. 21, n. 1, p. 71-90, 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/10304310601103992>
- CARVALHO, Araré. Projeto Escola Sem Partido e a visibilidade dos medíocres: o caso de São José do Rio Preto. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 14 nov. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/x6zboq>>. Acesso em: 28 dez. 2017.
- CASTELLS, Manuel. The new public sphere: Global civil society, communication networks, and global governance. **Annals of the American Academy of Political and Social Science**, v. 616, n. 1, p. 78-93, 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/0002716207311877>
- CHROUST, Peter. Neo-Nazis and Taliban on-line: anti-modern political movements and modern media. **Democratization**, v. 7, n. 1, p. 102-119, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1080/13510340008403647>
- COULDRY, Nick; STEPHANSEN, Hilde; FOTOPOULOU, Aristeia; MACDONALD, Richard; CLARK, Wilma; DICKENS, Luke. Digital citizenship? Narrative exchange and the changing terms of civic culture. **Citizenship Studies**, v. 18, n. 6-7, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/13621025.2013.865903>
- CRUZ, Fernanda; CRUZ, Elaine Patricia. Ministro critica leis municipais que preveem a implantação do Escola sem Partido. **Agência Brasil**, Brasília, 03 de out. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/2fxK48>>. Acesso em: 20 dez. 2017.
- DOWNEY, John; FENTON, Natalie. New media, counter publicity and the public sphere. **New Media & Society**, v. 52, n. 2, p. 185-202, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1177/1461444803005002003>
- ENGESSER, Sven; ERNST, Nicole; ESSER, Frank; BÜCHEL, Florin. Populism and social media: how politicians spread a fragmented ideology. **Information, Communication & Society**, v. 20, n. 8, p. 1109-1126, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/1369118X.2016.1207697>

- FARFAN, Tainá. IBGE/PNAD: TV está cada vez mais presente no dia a dia do brasileiro. **Abert**, 8 abr. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/bCFBoJ>>. Acesso em: 15 jan. 2018.
- FERNANDES, Anaís. Com 280 caracteres, Twitter tem 1º lucro. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 08 fev. 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/t85hQ9>>. Acesso em: 12 fev. 2018.
- FRANCO, Stella Maris Scatena. Do arco-íris à monocromia: o Movimento Escola Sem Partido e as reações ao debate sobre gênero nas escolas. In: MACHADO, André Roberto de A.; TOLEDO, Maria Rita de Almeida (orgs.). **Golpes na História e na Escola: o Brasil e a América Latina nos séculos XX e XXI**. São Paulo: Cortez/ANPUH-SP, 2017. p. 233-246.
- FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Escola “Sem” Partido** - Esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Laboratório de Políticas Públicas da UERJ, 2017. Disponível em <<https://goo.gl/m5yTWv>>. Acesso em: 07 nov. 2017.
- GALLO, Michelle. “Gender Ideology” Is a Fiction That Could Do Real Harm. **Open Society Foundations**. 29 ago. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/HAPn7i>>. Acesso em: 07 nov. 2017.
- INDEX MUNDI. Brasil Perfil População 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/oC34HU>>. Acesso em: 15 jan. 2018.
- KAPA, Raphael. Afinal, que propostas Alexandre Frota levou ao ministro da Educação? **Piauí**, 23 jun. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/ohzNCW>>. Acesso em: 20 dez. 2017.
- LARSSON, Anders Olof; MOE, Hallvard. Studying political microblogging: Twitter users in the 2010 Swedish election campaign. **New Media & Society**, v. 14, n. 5, p. 729-747, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1177/1461444811422894>
- MACEDO, Elizabeth. As demandas conservadoras do movimento Escola Sem Partido e a Base Nacional Curricular comum. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 139, p. 507-524, abr./jun. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/es0101-73302017177445>
- MIGUEL, Luís Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. **Direito & Práxis**, vol. 7, n. 3, p. 590-621, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/dep.2016.25163>
- MOSSBERGER, Karen; TOLBERT, Caroline J.; MCNEAL, Ramona S. **Digital Citizenship: The Internet, Society, and Participation**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2008.
- PADOVANI, Cinzia. The media of the ultra-right: Discourse and audience activism online. **Journal of Language and Politics**, v. 15, n. 2, p. 399-421, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1075/jlp.15.4.02pad>
- PELLS, Rachael. Right-wing list ‘exposing leftist professors’ condemned by free speech campaigners. **Independent**, Londres, 23 de nov. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/VPj6wJ>>. Acesso em 07 nov. 2017.
- PENNA, Fernando de Araujo. O Escola sem Partido como chave de leitura do fenômeno educacional. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017. p. 35-48.
- PENNA, Fernando de Araujo. O ódio aos professores. **Movimento Liberdade para Educar**, 18 set. 2015. Disponível em <<https://goo.gl/95hy41>>. Acesso em: 07 nov. 2017.
- PRADA PRADA, Nancy. Ideología de género: semblanza de un debate pospuesto. In: MACHADO, André Roberto de A.; TOLEDO, Maria Rita de Almeida (Orgs.). **Golpes na História e na Escola: o Brasil e a América Latina nos séculos XX e XXI**. São Paulo: Cortez/ANPUH-SP, 2017. p. 217-232.

- RAMALHO, Renan. Enem: Cármen Lúcia nega pedido da PGR e da AGU para zerar redação que ferir direitos humanos. **G1**, Brasília, 04 nov. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/FLXKLY>>. Acesso em: 15 dez. 2017.
- ROMANCINI, Richard; CASTILHO, Fernanda. “Como ocupar uma escola? Pesquiso na Internet!”: política participativa nas ocupações de escolas públicas no Brasil. **Intercom**, Rev. Bras. Ciênc. Comun., vol. 40, n. 2, p. 93-110, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-5844201726>
- STREIT, Maíra. Professor cria polêmica em protesto contra Paulo Freire: “Pedagogia do Oprimido é coitadismo”. **Fórum**, 19 mar. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/jqAr9R>>. Acesso em: 07 nov. 2017.
- SUMARES, Gustavo. Facebook tem mais de 100 milhões de usuários brasileiros. **Olhar Digital**, 27 abr. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/pHAiom>>. Acesso em: 15 jan. 2018.
- ULDAM, Julie; VESTERGAARD, Anne. Social Media and Civic Engagement. In: ULDAM, Julie; VESTERGAARD, Anne (eds.). **Civic Engagement: Political Participation Beyond Protest and Social Media**. Londres: Palgrave Macmillan, 2015. p. 1-22.
- VAN KESSEL, Stijn; CASTELEIN, Remco. Shifting the blame. Populist politicians’ use of Twitter as a tool of opposition. **Journal of Contemporary European Research**, v. 12, n. 2, p. 594-614, 2016.
- ZINET, Caio. Especialistas desconstruem os 5 principais argumentos do Escola sem Partido. **Centro de Referências em Educação Integral**, 21 jul. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/KtyL1n>>. Acesso em: 07 nov. 2017.